

A presença dos gêneros e formatos jornalísticos nos estudos da desinformação¹

Marli dos Santos²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP.

RESUMO

Os gêneros e formatos jornalísticos são temas importantes no combate à desinformação, porém, nem sempre têm sido valorizados. Este artigo é um recorte do projeto de pesquisa realizado pelo grupo de pesquisa EMANCIPA-Jor, da Faculdade Cásper Líbero. O objetivo geral é identificar como os gêneros jornalísticos são abordados nos estudos sobre desinformação na área da Comunicação. Serão coletados os artigos publicados sobre tema em revistas científicas dos programas de pós-graduação stricto sensu, avaliadas pelo sistema webqualis da CAPES, de 2017 a 2020. As referências teóricas são Marques de Melo (2016), Chaparro (2008) e Wardle (2017), Wardle e Deracksah (2017) e Ireton e Posetti (2019). O resultado aponta que a relação entre gêneros jornalísticos e desinformação ainda é pouco explorada.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros e formatos jornalísticos; Desinformação; Fakenews; Revistas científicas; Comunicação

INTRODUÇÃO

Este artigo faz é uma reflexão sobre gêneros e formatos jornalísticos, a partir do projeto “Fact-checking e cidadania: estratégias para o combate da desinformação/ fake news”, desenvolvido no grupo de pesquisa Emancipa-Jor (Jornalismo contemporâneo, práticas para a emancipação social na cultura tecnológica), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

Neste momento em que o mundo vivencia a pandemia Covid 19, a questão da desinformação esteve ainda mais em evidência, mostrando cada vez mais a necessidade de se ampliarem os estudos de desinformação - um fenômeno complexo, que envolve o aprimoramento das práticas jornalísticas, transparência dos processos de produção e na relação com o público.

Na pandemia, nos períodos eleitorais e no cotidiano brasileiros é preciso considerar que o amplo acesso às redes sociais digitais e aos aplicativos de interação social como Whatsapp potencializaram exponencialmente a disseminação da

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Email: marlijor58@globocom.com.

desinformação/*fake news*, desafiando a capacidade de checagem dos veículos jornalísticos e das agências especializadas em checagem.

Obviamente o fenômeno da desinformação/*fake news* não é novo, há várias referências de manifestações de mentiras e boatos na Antiguidade e durante as guerras mundiais, com prejuízos imensos, mas a infodemia (ORGANIZAÇÃO..., 2020) que vivenciamos em 2020 colocou em xeque a capacidade de compreensão e de superação da sociedade contemporânea. Entretanto, o termo *fake news* começou a ganhar evidência após as eleições do presidente estadunidense Donald Trump. A recorrência do termo *fake news* o qualificou a fazer parte do importante Dicionário de Oxford, em 2016, assim como a expressão pós-verdade, em 2017.

Estudo realizado por Valero e Oliveira (2018), que mapearam artigos científicos utilizando os termos fake news e pós-verdade, nas plataformas qualificadas Web of Science e Scopus, que são banco de dados de referência científica, detectou 91 artigos que abordavam o tema, de maneira transversal em diversas áreas do conhecimento, majoritariamente na de comunicação, com a presença de estudos de caso como principal abordagem metodológica. Os resultados apontam para algumas soluções, como literacia informacional (que deve incluir a questão de gêneros e formatos jornalísticos), procedimentos automatizados e algoritmos, checagem de informações.

Esse estudo nos inspirou a realizar um levantamento das pesquisas presentes em revistas científicas brasileiras ligadas a programas de pós-graduação stricto sensu e publicações científicas de algumas associações da área. Primeiramente reunimos na amostra somente as revistas classificadas nos estratos A2 e B1 pelo webqualis 2013-2016 (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2020). Em uma segunda etapa, utilizamos a classificação preliminar realizada em 2019, que tem sido considerada pela área, uma vez que o critério é o impacto social dessas publicações. Dessa forma, selecionamos apenas as revistas que foram classificadas no estrato A (A1, A2, A3, A4). Ao todo foram 21 revistas selecionadas.

O período escolhido para a coleta dos artigos foi de 2017 a 2020 (mesmo considerando que nem todas as edições de 2020 foram publicadas nas plataformas das revistas), temporalmente, até 30 de setembro de 2020. Acreditamos que as publicações sobre a desinformação sejam mais evidentes, devido à pandemia Covid 19. A coleta dos artigos se deu pelo acesso aos sites de cada publicação, por meio das seguintes palavras-chave:

desinformação, *fake news*, notícias falsas e pós-verdade³. O nosso objetivo geral é identificar como os gêneros jornalísticos são abordados nos estudos sobre desinformação na área da Comunicação.

Consideramos gêneros jornalísticos a partir de José Marques de Melo (2016) e Manuel Carlos Chaparro (2008); e no que se refere à desinformação/fakenews, utilizamos os estudos de Wardle (2017), Wardle e Derakhshan (2017) e Ireton e Posetti (2019).

DESINFORMAÇÃO/FAKE NEWS E GÊNEROS

Fake news foi o termo que mais ganhou destaque nos últimos 4 anos para designar uma gama de manifestações que causam desinformação, intencionais ou não, direcionadas a pessoas, empresas e instituições, que podem ser em parte ou totalmente falsas. Mas o termo se popularizou de tal forma, desde a campanha presidencial de 2016 nos Estados Unidos. No Brasil, o mesmo comportamento pode ser observado na campanha presidencial em 2018, quando o então candidato Jair Bolsonaro utilizava as redes sociais para acusar a imprensa de produzir notícias falsas.

Para Wardle, na falta de um termo melhor, *fake news* foi adotado para designar *misinformation*, nas palavras da autora, informações falsas espalhadas inadvertidamente, e *desinformation*, informações falsas disseminadas conscientemente. Mas para entender melhor o contexto da informação falsa e sua tipologia, é preciso considerar o ecossistema da informação. Segundo Wardle, são três elementos que o define: “1) Os diferentes tipos de conteúdo que são criados e disseminados; 2) As motivações daqueles que criam os conteúdos; 3) Os caminhos que este conteúdo é disseminado”. (2017, s/p, tradução nossa).

Assim, a autora propõe uma classificação com 7 tipos de *misinformation* e *disinformation*: 1) Sátira ou paródia (conteúdo com humor sem intenção de causar dano); 2) Conteúdo enganoso (uso enganoso da informação com má intenção); 3) Conteúdo falso (quando se passa pela fonte original); 4) Conteúdo fabricado (conteúdo novo, predominantemente falso, criado com objetivo de enganar); 5) Contexto falso

³ “Post-truth (pós-verdade): relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais” (HANCOCK, 2016). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 5 out. 2020.

(quando pessoas, imagens ou legendas não confirmam o conteúdo); 6) Contexto falso (quando conteúdo verdadeiro é inserido em contexto falso); 7) Conteúdo manipulado (informações ou imagens manipuladas para enganar). A pesquisa ainda propõe uma tipologia para as causas da disseminação da informação falsa: jornalismo de baixa qualidade (sensacionalista), paródia, provocação, paixão, participação, lucro, influência política ou poder e propaganda. (WARDLE, 2017, s/p)

O relatório “Desordem informacional: Rumo a uma estrutura interdisciplinar para pesquisa e formulação de políticas”, publicado pela Comissão Europeia e elaborado por Wardle e Derakhshan (2017), aponta alguns aspectos que colaboram para a situação que enfrentamos hoje, como as bolhas na internet e as câmaras de ressonância, que reforçam a disseminação da desinformação. Para os pesquisadores, as tecnologias digitais significam algo novo:

a poluição da informação em um nível global escala; uma complexa teia de motivações para criar, disseminar e consumir essas mensagens; diversos tipos de conteúdo e técnicas para disseminação; inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo esse conteúdo; e velocidades vertiginosas de comunicação entre pessoas que possuem afinidade e confiança mútua (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 4, tradução nossa)

Ireton e Posetti (2019) no relatório “Jornalismo, Fake News & Desinformação – Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo”, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), apresentam um ecossistema da “desordem da informação”, constituído de “informação incorreta”, “desinformação” e “má-informação”, que abrangem desde uma informação falsa divulgada porque se acredita que é verdadeira, passando pelos mal intencionados que distribuem conteúdos falsos com consciência e o terceiro tipo diz respeito a conteúdo baseado na realidade, porém, produzido para causar danos. Os autores também concordam que as tecnologias digitais favoreceram o contexto da desinformação.

Importante ressaltar que os pesquisadores mencionados concordam que utilizar o termo *fake news* é politicamente incorreto, uma vez que induz à ideia equivocada de que uma notícia pode ser falsa. Trata-se de mais ataque à credibilidade, elemento basilar no jornalismo. Na concepção jornalística, a notícia (na sua acepção genérica) é baseada na realidade e a checagem é pressuposto para sua divulgação.

Mas os gêneros e formatos jornalísticos vão além da notícia. Marques de Melo e Assis (2016, p. 49) alertam que as respostas para essa diversidade estão nas práticas

jornalísticas, “com a apreensão do processo, dos bastidores, dos antecedentes”. Isso quer dizer que é matéria, na qual o dinamismo aparece comum um elemento essencial, para captar as mudanças e transformações dos gêneros. É certo que eles apresentam certa estabilidade, caso contrário seria difícil que o leitor pudesse distingui-los, mas atualmente com a internet a oportunidade do surgimento de novos formatos é bem maior.

Dos estudiosos sobre gêneros, destacamos dois autores: José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro. O primeiro, inspirado em Luíz Beltrão, tornou-se referência nas pesquisas sobre o assunto. A primeira classificação de Marques de Melo (1985) identifica dois gêneros: informativo e opinativo; já a segunda, apresenta a nova proposta que amplia para cinco os gêneros, com funções sociais diferenciadas que corroboram a “perspectiva funcionalista”, são eles: “informativo, vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo, esclarecedor; diversional: distração, lazer; utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas”. (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016, p. 49). Como se vê, a proposta teórica se ancora no jornalismo como produção social e nos gêneros com suas funcionalidades.

Já a visão de Chaparro (2008) sobre gêneros é amparada nas ciências da linguagem, particularmente a pragmática⁴, considerando que o jornalismo não se divide entre opinião e informação; que está inserido em um contexto empresarial e editorial; é resultante de acordos e conflitos entre ouvintes/falantes e falantes/ouvintes em um determinado contexto histórico, social e cultural; que se expressa no relato (e suas espécies narrativas) e no comentário (e espécies argumentativas), considerando os gêneros como horizontes de expectativas para o leitor – o que confirma a perspectiva de Lisboa e Benetti (2015), quando citam Charadeau (2010): a credibilidade do jornalismo está baseada na garantia do seu método de apuração (ou justificação) e na relação entre jornalismo e público, que pressupõe um acordo prévio, um contrato de comunicação no qual o pressuposto é o compromisso do jornalismo com a veracidade.

Espécie de acordo entre interlocutores, o contrato¹² envolve cinco condições que não apenas asseguram a compreensão do discurso jornalístico, mas também norteiam a aferição por parte do leitor da

⁴ Pragmática “é o fenômeno das relações dos elementos discursivos com os usuários, falante produtor e ouvinte interpretador do enunciado, e com as condições ambientais em que se produz a intercomunicação. A pragmática é, pois, independente do funcionamento linguístico, mas participa eficientemente no resultado comunicativo desse funcionamento”. (Lamiquiz, 1985, apud CHAPARRO, 1994, p. 17)

credibilidade do que é narrado: para quem se diz, o que se diz, quem diz e para quem, em que condições se diz e como se diz. Em linhas gerais, podemos dizer que a finalidade do jornalismo é produzir relatos sobre o mundo e sobre o homem, de acordo com critérios de notabilidade e relevância e utilizando estratégias para justificar a veracidade do que diz. (CHARAUDEAU, 2010, p. 17)

Mesmo que Marques de Melo e Chaparro se apoiem em referenciais teóricos que impliquem em visões diferentes sobre a teoria, eles concordam que o jornalismo se revela em gêneros e formatos, a partir das práticas e em contextos diferenciados e dinâmicos.

A partir do que foi exposto, pensamos na relação entre desinformação/*fake news* e gêneros jornalísticos, e em como a distinção de formatos no jornalismo e suas características oferecem pistas importantes sobre a veracidade, como uma forma de ler o mundo, de conhecimento do mundo. (GENRO FILHO, 1987). Por considerarmos ser um aspecto importante, um dos elementos para o combate à desinformação (e a educação midiática), é que decidimos fazer um levantamento preliminar, que obviamente deve ser estendido para outras publicações e estudos científicos, como teses e dissertações.

DESINFORMAÇÃO/*FAKE NEWS* E GÊNEROS NAS REVISTAS

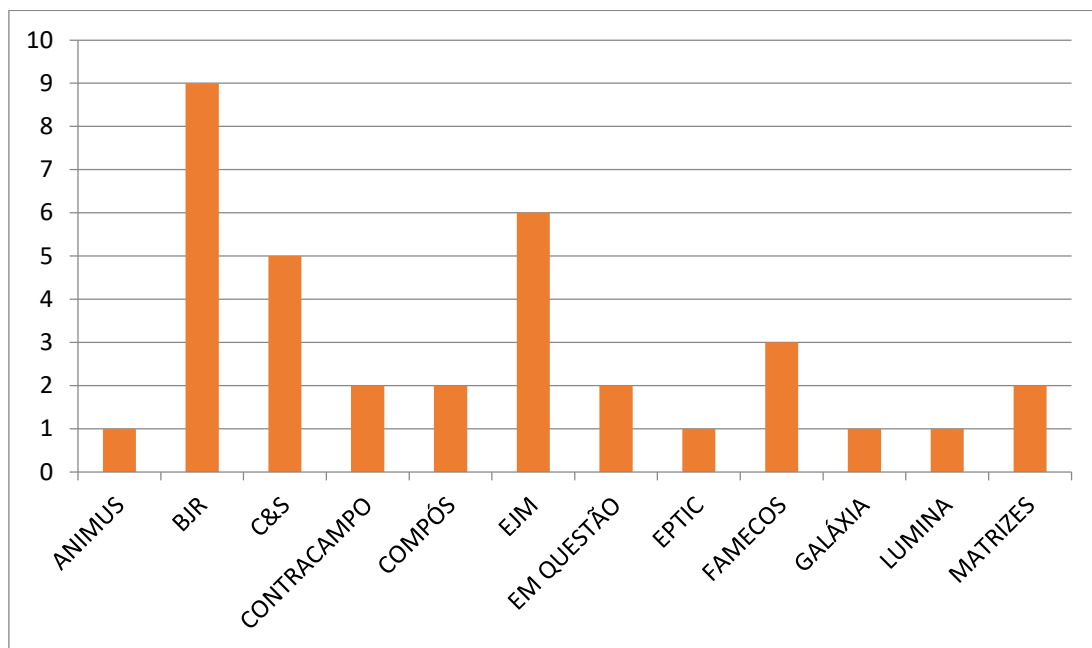
Conforme mencionado na introdução deste artigo foram selecionados para a pesquisa os artigos publicados em revistas científicas classificadas como A2 e B1 pelo webqualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no quadriênio de 2013-2016, e, posteriormente, de A1, A2, A3 e A4, conforme a categorização preliminar ocorrida em 2019 pelo referido órgão. São publicações ligadas aos programas de pós-graduação na área da Comunicação e Informação no Brasil. Para coleta, foram utilizadas as palavras-chave no sistema de busca de cada revista: desinformação, *fake news*, notícias falsa e pós-verdade.

A coleta constituiu-se de 21 revistas científicas, com 35 artigos. As publicações que possuem mais conteúdos voltados à desinformação e *fake news*, de 2017 a 2020, são: BJR - Brazilian Journalism Research, com 9 artigos, editada pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); EJM -Estudos de Jornalismo e Mídia, ligada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 6 artigos. As duas publicações tem como escopo

editorial pesquisas voltadas ao Jornalismo. Em seguida, duas revistas: Comunicação&Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo, com 5 artigos, e Famecos, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com 3 artigos.

Das 21 revistas, 11 apresentaram conteúdo relacionado às palavras-chave selecionadas para o estudo: Animus, BJR, Comunicação & Sociedade, Contracampo, E-Compós, EJM, Em Questão, Eptic, Famecos, Lumina, Matrizes. Majoritariamente as que apresentaram algum tipo de conteúdo sobre o tema estão vinculadas a programas de pós-graduação que ficam nas regiões. No Gráfico 1 evidencia-se a presença do tema desinformação/*fake news* nas respectivas publicações

Gráfico 1 – Artigos relacionados ao tema desinformação/*fake news*



Fonte: A autora

Com as revistas selecionadas, partimos para a análise dos artigos, que totalizaram 35. Buscamos nos textos referências aos gêneros, gêneros jornalísticos, formatos, formatos jornalísticos, notícia, opinativo, informativo, linguagem e narrativa, palavras-chave aplicadas por meio de recurso de busca textual nos artigos, que foram baixados e organizados em arquivos para a sistematização dos dados.

Dos 35 artigos, 19 foram selecionados para identificarmos como os gêneros jornalísticos são abordados nos estudos sobre desinformação/*fake news* em revista científicas da área da Comunicação. A primeira observação é que o termo notícia é utilizado como um conceito genérico do conteúdo jornalístico. Notícias e “notícias falsas” são utilizadas na maioria dos textos, sem ter sido detectado um conceito de notícia amparado em teorias de gênero jornalístico.

A questão dos gêneros e formatos jornalísticos em geral são aspectos secundários, presentes como um dos elementos de análise, apesar de se mencionar que os conteúdos falsos imitam notícias. Também é mais presente nos artigos a expressão “notícias falsas” ou *fake news* em relação ao contexto da desinformação, conforme proposto por Wardle (2017). Alguns artigos se questionam ou contextualizam as *fake news* nos estudos da desinformação.

Como já foi dito, embora os gêneros jornalísticos tenham certa estabilidade, eles são dinâmicos, acompanham a sociedade e as suas transformações. Na contemporaneidade, os conteúdos jornalísticos sofrem mudanças nas práticas, nos processos, na relação com o público e na dinâmica com o meio, a partir da multimídia, hipertextualidade, interatividade, entre outras características do webjornalismo (ou ciberjornalismo) (CANAVILHAS, 2014).

Para Chaparro (2008) os gêneros: são horizontes de expectativas para os leitores e modelos de escrita para os autores, portanto, o processo comunicativo pressupõe um comportamento do leitor em relação ao que espera do gênero. E o que se espera é o cumprimento da promessa, ou seja, a de que se pode ter acesso a relatos com veracidade, em formatos de notícia, reportagem, entrevista, como também em formatos opinativos, interpretativos, utilitários e diversionais, conforme Marques de Melo (2009).

Em alguns artigos selecionados para este artigo pudemos observar que a presença dos gêneros e formatos jornalísticos é contemplada, sem se referirem a uma teoria dos gêneros jornalísticos, apesar de a mimetização de formatos, especialmente a notícia, ter sido uma estratégia para confundir o leitor sobre o que é ou não notícia. O formato do gênero informativo é discutido especialmente no artigo publicado na revista BJR, “Conteúdos virais no Facebook: estudo de caso na pré-campanha das eleições presidenciais brasileiras de 2018” (CANAVILHAS; BITTENCOURT; ANDRADE, 2019), no qual os autores verificam que o formato notícia foi o mais frequente nos conteúdos falsos que circularam nas redes sociais durante as eleições majoritárias no

Brasil em 2018. Os autores argumentos que esse fato se dá por ser habitualmente o mais identificado pelos leitores.

Outro estudo apresentado na mesma revista, BJR, “Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros” (TRÄSEL, LISBOA, VINCIPROVA, 2019, p. 491-492), aborda como as marcas discursivas presentes nos gêneros jornalísticos colaboram para o leitor conferir a credibilidade da informação. Os autores reconhecem que “aspectos da linguagem jornalística, formatos e gêneros da notícia e a opinião são apropriadas por produtores de conteúdo fraudulentos”, indicando que o conhecimento aprofundado dos formatos também ajudam os leitores a ficarem menos suscetíveis a serem enganados.

Nos três artigos publicados da revista EJM, observamos diferentes abordagens do gênero jornalístico. Em “Fake news e a falha da Folha de S. Paulo: visibilidade da crítica em casos de paródia e sátira jornalística”, Paganotti (2019), que trata do site www.falhadespaulo.com.br, criado como paródia do jornal Folha de S. Paulo, e que foi retirado da web pelo próprio jornal, se relaciona com o universo da desinformação. A saída do site gerou mais atenção do que o previsto, além de espaços de visibilidade na internet. O autor analisa, citando Jácome (2016), como os formatos do humor - a sátira e a paródia - mesclam “situações aparentemente absurdas com personagens reais” (PAGANOTTI, 2019, p. 96), utilizando as estratégias convencionadas no jornalismo. Os exemplos mencionados no texto fazem a crítica ao jornalismo ou às próprias situações que são veiculadas nos jornais. A sátira é um dos tipos de desinformação e de causas de disseminação citados por Wardle (2017). Já outro artigo, “Fake news, um fenômeno da comunicação política” (GOMES; DOURADO, 2019) trata da narrativa factual no âmbito político, padrão mimetizado nos conteúdos das *fake news*. Por fim, Prazeres e Ratier (2020) discutem a relação de proximidade entre fato e fake, tendo em vista o cenário da “hiperinformação, desinformação e infoxicação e o processo de aceleração”. O artigo intitulado “O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy”, traz a questão de gênero quando aborda o “jornalismo slow”, ou lento, como alternativa aos formatos que são superficiais, porque se forjam no ritmo acelerado do tempo. O jornalismo lento é contextualizado, não se rende à imposição da velocidade do tempo e se expressa na “reportagem aprofundada, redação, na crônica ou na entrevista de longo alcance”, conforme Barranquero-Carretero e Rosique-Cedillo (2018, s/p), citados por Prazeres e Ratier (2020, p. 90).

Outros artigos tratam da desinformação/*fake news* e sua relação com as narrativas diferenciadas do jornalismo (PAGANOTTI, 2020); as “cascatas” de *fake news* sobre política no Twitter (RECUERO; GRUZD, 2019); com a performance da autoridade jornalística no texto noticioso (ROXO; MELO, 2018); com aplicativos que possam colaborar na identificação de links de “notícias falsas”, por meio do padrão identificado na produção jornalística. (ROCHA JUNIOR et al, 2019)

Por fim, o artigo “Rádio contemporâneo: o modelo de negócio e o poder de referência do meio sob tensão” trata dos desafios do rádio e as tensões que sofre, mencionando como uma delas a desinformação/*fake news*. O autor também aborda perifericamente a questão do gênero e da desinformação/*fake news*, manifestando sua preocupação com a “confusão” que apresentadores e comentaristas fazem dos gêneros jornalísticos. Ferraretto (2019) cita a classificação de José Marques de Melo (2010), influenciada por Chaparro, segundo sua análise. Foi o único artigo que mencionou uma teoria dos gêneros jornalísticos diante do fenômeno da desinformação/*fake news*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos abordar a presença dos gêneros e formatos jornalísticos em artigos científicos sobre a desinformação/*fake news*, tendo como material empírico os textos publicados nas revistas científicas da área da Comunicação ligadas a Programas de Pós-Graduação e entidades da área, com avaliação A2 e B1 na primeira etapa, e na segunda, as que foram caracterizadas de A1 a A4, na avaliação preliminar de 2019 da CAPES. Consideramos que esses seriam espaços de excelência para a discussão de tema tão emergente, como a desinformação/*fakenews* e os gêneros jornalísticos.

Expusemos os conceitos da desinformação e as chamadas *fake news*, adotando os conceitos de Wardle (2017), que defende o fenômeno da desinformação como muito complexo e abrangente, justificando que a adoção do termo *fake news* simplifica essa complexidade, além de colaborar para a ideia equivocada de que notícias podem ser falsas.

Observamos que os artigos selecionados para este estudo estão em busca de identificar e diagnosticar as formas dos conteúdos falsos, como eles mimetizam o jornalismo e a relação dessas estratégias com a disseminação da desinformação. Assim

como os estudos de Valero e Oliveira (2018), o estudo de caso é uma abordagem metodológica presente, em busca de soluções para minimizar os efeitos da desinformação. Abordam soluções automatizadas e checagem de informações, mas se preocupam com a natureza da desinformação e diagnósticos em momentos específicos, como os eleitorais.

Mesmo não se referindo a uma teoria dos gêneros, que nos parece essencial para pensarmos nos processos de mimetização que ocorrem nas informações falsas que circulam nas redes sociais e no Whatsapp, o fato é que não é possível explorar o tema sem considerar gêneros e formatos jornalísticos, tanto para se buscar indicadores de credibilidade, como para lidar com a dinâmica de mudanças no ambiente digital. Entre mudanças e permanências não se deve perder de vista que os horizontes de expectativas.

REFERÊNCIAS

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro. Slow media. Comunicación, cambio social y sostenibilidad en la era del torrente mediático. **Palabra Clave**, Vol. 16, Nº. 2, 2013. Disponível em: <https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/3074/3190>. Acesso em 5 out. 2020.

CANAVILHAS, J. M.(Org.) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2014. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 5 out. 2020.

CHAPARRO, M. C.. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

CHARAUDEAU, P.. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010

CORREIA, J. C. O novo ecossistema mediático e a desinformação como estratégia política dos populismos. **EJM - Estudos de Jornalismo e Mídia**. Vol. 16 Nº 2, Jul. a Dez. de 2019. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9434/1/O%20Novo%20ecossistema%20medi%C3%A1tico.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

HANCOCK, J.R. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit. **El País**. 17 nov. 2016, 15h52. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 5 out. 2020.

FERRARETTO, L.A. **Rádio contemporâneo: o modelo de negócio e o poder de referência do meio sob tensão**. **Revista Eptic** vol.21, n.2, mai-ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epctic/issue/view/epctic%2021%282%292019>. Acesso em: 5 out. 2020.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987

GOMES, W; DOUROADO, T.. Fake news, um fenômeno da comunicação política. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 16 Nº 2, Julho a Dezembro de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33>. Acesso em: 20 jun. 2020.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (Org). **Jornalismo, Fake News & Desinformação** – Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo. UNESCO Publishing, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 18 jul. 2020.

LISBOA, S.; BENETTI, M. **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. **BJR – Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/664/666>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1985

_____. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom RBCC**. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

_____. ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas, ONU. **ONU pede a países para combater notícias falsas e desinformação sobre Covid-19**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222>. Acesso em 5 out. 2020.

PAGANOTTI, I. Engano, desconfiança e dramatização: contradições entre recomendações e práticas no combate à desinformação. **E-Compós**. <https://doi.org/10.30962/ec.2174>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2174>. Acesso em: 5 out. 2020.

PAGANOTTI, I. Fake news e a falha da Folha de S. Paulo: visibilidade da crítica em casos de paródia e sátira jornalística. **EJM – Estudos de Jornalismo e Mídia**. Vol. 16 Nº 1, Janeiro a Junho de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n1p194>. Acesso em: 5 out. 2020.

PLATAFORMA Sucupira. Nota Qualis-periódicos. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 5 out. 2020.

PRAZERES, M.; RATIER, R. **O fake é fast?** Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 17 Nº 1, Janeiro a Junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2020v17n1p86>. Acesso em: 5 out. 2020.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galaxia**, n. 41, mai-ago., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

ROCHA JÚNIOR et al.. Aplicativo Verific.AI: automatização de checagem de notícias nas eleições brasileiras de 2018. **BJR - Brazilian Journalism Research**. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1178>. Acesso em: 5 out. 2020.

ROXO, M.; MELO, S. Hiperjornalismo: uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30572>. Acesso em 5 out. 2020.

VALERO, P.P.; OLIVEIRA, L. **Fake news**: una revisión sistemática de la literatura. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1374/pdf>. Acesso em: 5 out. 2020.

WARDLE, C. Notícias falsas. Es complicado. **First Draft**. 14 mar. 2017. Disponível em: <https://es.firstdraftnews.org/2017/03/14/noticias-falsas-es-complicado/>. Acesso em: 15 jul. 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe Report, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 20 jul. 2020.